

COM QUANTOS GOIANOS SE FAZ UMA UTOPIA

» CONCEIÇÃO FREITAS

Três apontamentos sobre Brasília que pouco se lê ou se ouve falar:

1 — Quando Vinicius de Moraes escreveu que “no princípio era o ermo”, ele não enxergou o homem sertanejo que há séculos habitava “as antigas solidões” e que, portanto, não eram tão solitárias assim. Ao compor, com Tom Jobim, a pedido de Juscelino, a *Sinfonia da Alvorada*, o poeta não teve olhos para ver o que havia de vida cultural, religiosa e produtiva dentro e fora do retângulo do Distrito Federal. Nem ele nem os demais que vieram construir a nova capital.

2 — Quando Juscelino, a 2 de outubro de 1956, desceu pela primeira vez nas terras onde Brasília seria construída, a pista de pouso de 2,7 metros, riscada no Cerrado, e o barraço comprido de vigas tortas e cobertura de palha de buriti tinham sido construídos para receber um outro presidente, Café Filho. A pista de pouso próxima à Fazenda do Gama e o cruzeiro tosco fincado no ponto mais alto do terreno haviam sido preparados para a visita do presidente que sucedeu Getúlio Vargas.

3 — Quando Antônio Soares Neto, o Tonquinho, fez a célebre pergunta a Juscelino, no comício em Jataí (GO), em 4 de abril de 1955, o candidato a presidente da República já estava plenamente informado do movimento mudancista goiano e foi ao interior do estado para lançar a sua metasíntese, construir Brasília e transferir os Três Poderes. Durante a Constituinte de 1946, JK havia lutado fervorosamente para incluir na nova Carta a mudança da capital. Há quem sustente que Tonquinho apenas cumpriu um papel num cenário já previamente desenhado.

Meio século depois de inaugurada a cidade, a versão

mais conhecida da construção de Brasília vem sendo revisada por novos historiadores interessados em desfazer mitos sedimentados nos últimos 55 anos. Um desses pesquisadores, Luiz Ricardo Magalhães, defendeu e teve aprovada a sua tese de doutorado em história pela Universidade Federal de Goiás, em dezembro passado, na qual investigou o modo de vida dos moradores de Formosa e Planaltina nos cem anos que antecederam a construção de Brasília.

A tese, que será editada em livro ainda neste semestre, tem um título revelador em si mesmo: *Sertão planaltino — cultura, religiosidade e política no cíadinho do modernismo*. Nascido em Formosa, Magalhães experimentou, desde muito jovem, a sensação de inexistência, de invisibilidade, que foi imposta aos moradores dos três municípios pelos que aqui chegavam trazendo os tratores e a modernidade para construir a nova capital. “Sempre estranhei essa coisa de dizer que Brasília foi inventada a partir de JK, mas a vida foi passando. Até que fui trabalhar na Administração de Planaltina e via uma cena recorrente: advogados vindos do Rio e de São Paulo, representando herdeiros das terras do Distrito Federal.”

Acendeu-se em Luiz Ricardo a luzinha da inquietação investigativa e, historiador formado, decidiu pesquisar a história de dois dos três municípios (Planaltina, Formosa e Luziânia) que cederam suas terras para a formação do DF. Luziânia, ele explica, merece uma tese só para ela. Descobriu que, desde 1922, quando da instalação da pedra fundamental da nova capital em Planaltina, muitos loteamentos foram criados. Mais de cem mil, dos quais quase 60 mil só no Plano Piloto. “Até em Paris e Buenos Aires se vendeu lote”, conta Magalhães. “Comecei a perceber que Brasília foi a materialização de uma utopia nacional, mas uma utopia muito própria dos planaltinos.” Planaltinos, explica o histo-

riador, é um termo criado pelo jornalista goiano Zoroastro Artiaga (1891/1972) para definir a gente dos três municípios formadores do Distrito Federal.

Foi uma visita nobiliárquica que inoculou nos planaltinos a ideia de que a nova capital do país um dia seria plantada num lugar muito próximo a eles. Francisco Adolfo de Varnhagen, o Visconde de Porto Seguro (1816/1878), esteve em Formosa (GO) em 1877. Na estada de 15 dias, o visitante conclui que o triângulo formado por três lagoas (Feia, Formosa e Mestre d’Armas) era o melhor lugar para se instalar a nova capital. A partir daí, os goianos das três cidades começaram a projetar no horizonte a possibilidade de serem vizinhos da Presidência da República. “As elites letreadas passaram a ter um projeto de sociedade vinculado à mudança da capital. Havia comissão mudancista em Formosa e Luziânia e clubes mudancistas em Planaltina.” Em sua investigação histórica, Luiz Ricardo Magalhães recupera a riqueza cultural, religiosa e política que brotava nos três municípios. “Havia uma jazz band em Planaltina. Na década de 1950, surge em Formosa o *Jornal do Planalto*. “Não era um panfleto. Tinha o acabamento de um *Correio Braziliense*, com fotos e tudo. Durou dez anos.”

Quem, entre muitos, compartilha da mesma inquietação de Magalhães diante da versão mais propagada da história da mudança da capital é o ex-deputado distrital e atual assessor de assuntos internacionais do GDF, Salviano Guimarães. Para mostrar que havia uma elite culta em Planaltina, Guimarães conta: “Meu avô só não formou dois filhos. Formou todos os outros — médico, dentista, advogado, as mulheres eram todas professoras. Não formou um porque ele fugiu do colégio e o outro porque teve de parar de estudar para cuidar dos irmãos quando meu avô morreu”.



LIVROS E TEXTOS CONSULTADOS

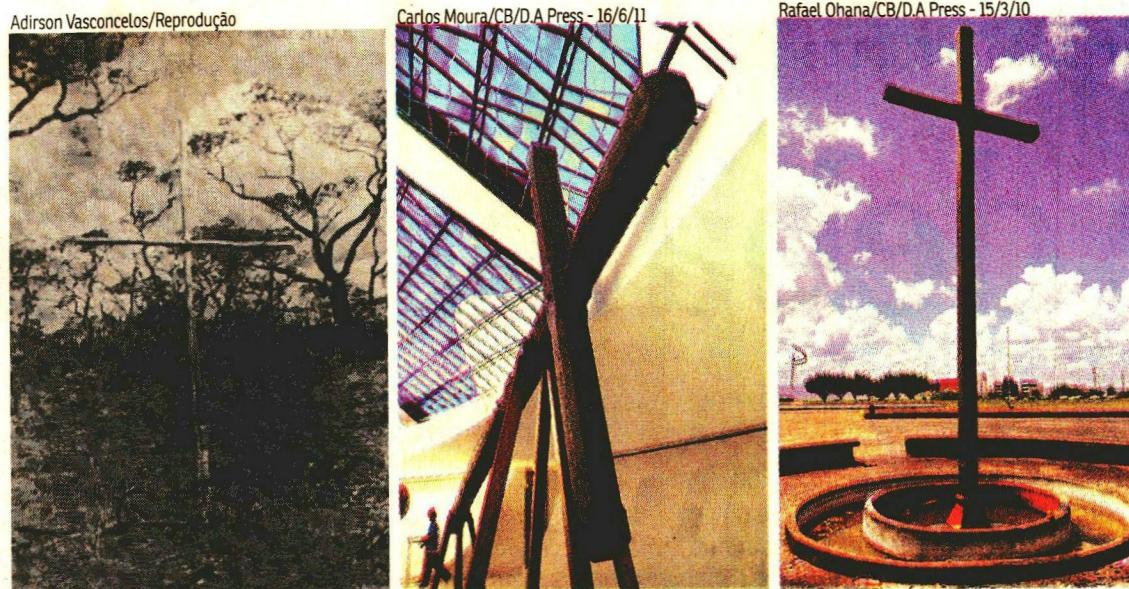
» *A epopeia da construção de Brasília*, Adirson Vasconcelos, 1989, edição do autor
» *A mudança da capital*, Adirson Vasconcelos, edição do autor, 1978
» *Arquivo Brasília*, de Lina Kim e Michael Wesely, CosacNaify, 2010

» *As cidades satélites de Brasília*, Adirson Vasconcelos, edição do autor, 1988
» *Brasília Kubitschek de Oliveira*, Ronaldo Costa Couto, Record, 2006
» *Brasília, o enigma da esfinge*, Luís Carlos Lopes, editora Unisinos, 1996
» *De Plano Piloto a metrópole, a mancha*

urbana de Brasília, Jusselma Duarte de Brito, Brasília Histórica, 50 anos, Editora Sinduscon, 2010
» *História de Brasília*, Ernesto Silva, Editora CDL, 1999
» *Meu pai, Bernardo Sayão*, Léa Sayão, 1994
» *Mil dias para uma cidade*, Adirson

Vasconcelos, edição do autor, 1963
» *Terras no Distrito Federal — experiências com desapropriações em Goiás (1955/1958)*, dissertação de Darcy Domelias de Farias/UnB
» *Primórdios de Brasília*, Altamiro de Moura Pacheco, Gráfica e Editora Líder, sem data

AGRADECIMENTOS
» Adirson Vasconcelos
» Arquivo Público do Distrito Federal
» Fábio Fonseca
» Jornal *O Popular*
» DA Press



Da esquerda para a direita: a cruz que Bernardo Sayão fincou no Cruzeiro em 1955. A de pau-brasil, que recebeu Juscelino Kubitschek em 1956, está guardada na Catedral; e a que hoje está na praça a

2 DE OUTUBRO DE 1956. JUSCELINO E COMITIVA VÊM CONHECER O LOCAL ONDE BRASÍLIA SERIA CONSTRUÍDA. A RUDE INFRAESTRUTURA QUE O RECEBEU HAVIA SIDO MONTADA PARA OUTRO PRESIDENTE, CAFÉ FILHO, QUE NÃO VEIO. E, AO CONTRÁRIO DO QUE TODOS ALI IMAGINAVAM, AQUELE ERMO ERA APARENTE

BRASÍLIA FOI A MATERIALIZAÇÃO DE UMA UTOPIA DE GOIÁS VINCULADA À MUDANÇA DA CAPITAL. HAVIA COMISSÃO MUDANCISTA EM FORMOSA, LUZIÂNIA E CLUBES MUDANCISTAS EM PLANALTINA”

Luiz Ricardo Magalhães, historiador

Havia gado, engenhos de cana, de arroz e de café, plantio de moinhos, fábrica de cal, indústrias extrativistas, fabricação de marmelada e goiabada, produtores de charque, carne de sol, banha, toucinho e curtumes, conforme quantifica minuciosamente o agrônomo Antonio de Arruda Câmara em estudo produzido em 1948 para a Comissão de Estudos para a Localização da Capital.

O exemplo serve para dissolver a ideia de que, antes de Brasília, o que havia aqui era uma população rarefeita e chucra. Não se trata, explica Guimarães, de retirar de Juscelino os seus muitos méritos, mas de devolver aos goianos os muitos méritos que tiveram na transferência da capital. “Juscelino percebeu que Brasília poderia significar um chamamento nacional. Com a morte de Getúlio [Vargas], o povo estava desesperançado, o país estava em situação de descrédito. Ele, então, teve a ideia de instigar o orgulho nacional e faz de Brasília a sua grande pregação. Juscelino sabia que as nações são construídas com ideias e desafios.”

O PRESIDENTE ERA OUTRO

Praticamente toda a franciscana estrutura que esperava Juscelino Kubitschek e sua comitiva em 2 de outubro de 1956, dia da primeira visita presidencial ao sítio de Brasília, havia sido preparada para receber Café Filho. Quem conta é Adirson Vasconcelos, autor de mais de uma dezena de obras sobre a história da cidade: “Em 1955, Bernardo Sayão abriu uma pista de pouso e um rancho para passageiros, o chamado aeroporto Vera Cruz, onde hoje é a Rodoviária. Ele também abriu uma trilha ligando o aeroporto à Fazenda do Gama. Tudo isso para receber Café Filho, que acabou não vindo conhecer o sítio de Brasília.”

Um vice-governador, um secretário de Fazenda e um engenheiro — Bernardo Sayão, Peixoto da Silveira e Joffre Mozart Parada — foram os que fincaram a primeira cruz de madeira no ponto mais alto da região, onde hoje é Praça do Cruzeiro. Isso também em 1955. “Era uma cruzinha quase de graveto. Tem até uma foto mostrando Sayão e Peixoto debruçados sobre a cruz para fincá-la no Cerrado”. Alguns meses depois, uma cruz de pau-brasil foi colocada no lugar. Anos mais tarde, ela foi levada para a Catedral de Brasília e em seu lugar outra foi fincada.

TONIQUINHO JK

Aos 85 anos, morando em Goiânia, o advogado Antônio Soares Neto mantém genuíno sotaque goiano, imutável bom humor e inesgotável disposição para repetir pela milionésima vez a pergunta que fez a Juscelino em 4 de abril de 1955, durante o primeiro comício do candidato do PSD (Partido Social Democrático) à Presidência da República. Toniquinho JK, como é conhecido e como vem impresso no cartão de visitas, é frequentemente homenageado, está em todos — ou quase todos — os livros sobre a história de Brasília, mas não se irrita quando lhe perguntam se, afinal, Juscelino não tinha já tudo preparado na cabeça. “Ele disse que não foi isso não. Quando ele abriu a palavra no comício, houve aquele silêncio. Goiano, sabe como é, é tímido. Criei coragem, e com o coração saindo pela boca, levantei o dedo e fiz a pergunta.”

Havia um elo familiar e afetivo que ligava os dois principais personagens desse cenário. Chamava-se Serafim de Carvalho, líder político pessedista da região de Jataí, primo de Toniquinho e amigo de Juscelino desde os tempos de Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Advogado ainda em atividade, Toniquinho conta que houve várias reuniões preparativas para receber o candidato a presidente da República. Naquele tempo, a mudança da capital era uma espécie de

epidemia febril que acometia os goianos. Um candidato era mais uma chance de trazer a modernidade para bem perto.

O historiador Ronaldo Costa Couto, autor de *Brasília Kubitschek de Oliveira*, acredita na sinceridade de Toniquinho. “O que ele diz é espontâneo, é verdadeiro”. Ao mesmo tempo, Couto pondera que Juscelino não caiu feito um patinho na pergunta do goiano. “JK quis que a pergunta fosse feita. Ele era um político com uma habilidade extraordinária. Ele não iria começar do nada sua campanha em Jataí, uma cidade muito pequena à época, sem nenhuma projeção nacional.” Couto lembra que Juscelino já havia defendido, na Constituinte de 1946, a transferência da capital primeiro para o Triângulo Mineiro e depois passou a apoiar a ideia de trazer os Três Poderes para o Planalto Central.

Há um depoimento bastante revelador no Arquivo Público do Distrito Federal. É de Jerônimo Coimbra Bueno (1909/1996), ex-governador de Goiás, ex-senador pela UDN (União Democrática Nacional), defensor candente da mudança da capital. Ele contou ao Arquivo Público, em 1990, que esteve com Juscelino — antes do comício de abril de 1955 — para conseguir dele o apoio ao compromisso de mudança da capital. Engenheiro e urbanista, Coimbra Bueno havia construído Goiânia na década de 1930, e queria construir Brasília, mas se desentendeu com Juscelino quanto ao prazo. JK pensava em uma obra para menos de quatro anos e Coimbra Bueno já vinha de uma experiência penosa. “Só que eu achava... com o que sofremos para construir Goiânia, que não foi brincadeira, em menos de cinco anos... Eu falei: ‘Se for construir Brasília [nesse mesmo tempo], é uma loucura’. E numa declaração de rara sinceridade: ‘E, de fato, nesse ponto, eu entreguei os pontos’.

Mas esse desentendimento só aconteceria mais adiante. Naquele abril de 1955, Coimbra era um dos principais líderes da frente goiana para a construção de Brasília. Vê-se, mais uma vez, que os goianos levantaram a bola para Juscelino chutar. E não apenas eles. A transferência da capital era um projeto geopolítico das forças armadas, como revela o historiador e arquivólogo Luís Carlos Lopes em *Brasília, o enigma da esfinge*. “A possível interiorização da capital foi discutida pelo Estado Maior das Forças Armadas e pelo Estado Maior do Exército”, escreve Lopes na página 80. Ainda Lopes: “Para eles [os militares] interiorizar a capital era um modo de melhor defender o país em caso de guerra.”

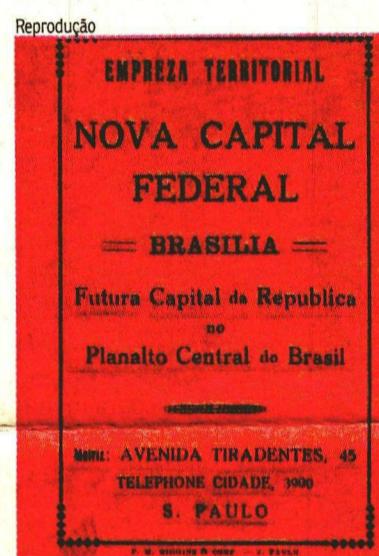
Havia outras razões militares, acredita Salviano Guimarães. Com a retumbante reação popular ao suicídio de Getúlio Vargas, em agosto de 1955, as Forças Armadas perceberam que manter a capital do país numa cidade como o Rio de Janeiro era um risco para a segurança nacional. “Bastava o presidente sair do Catete [o palácio] para estar no meio da rua.”

Em resumo: antes de Juscelino fazer o gol, outros jogadores armaram as jogadas e lançaram a bola ao artilheiro, os militares e os goianos fundamentalmente. E foi um carioca travestido de goiano, Bernardo Sayão, que, em abril de 1955, desceu no sítio destinado a Brasília, com 200 homens e um comboio de tratores e caminhões. Ele à frente, guinando um jipe, e trazendo a caravana que iria abrir o campo de pouso, fincar a cruz de graveto no ponto mais alto da Larga do Bananal (como era chamada a região onde foi construído o Plano Piloto) e descer para a Fazenda do Gama. “Em quinze dias, pusemos o aeroporto em ordem para descer qualquer avião, até DC-3. Era para o presidente Café Filho vir com o senhor cardeal — e não sei mais quem — rezar e assistir à primeira missa em Vera Cruz.”

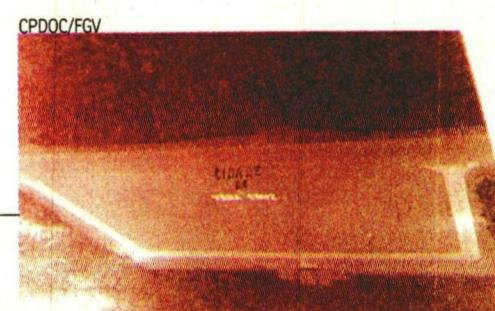
Café não veio, afastou-se do governo. Juscelino foi eleito e pousou em Brasília a 2 de outubro de 1956 para daf em diante fazer o inimaginável.



Manchete do jornal *O Popular*, de Goiânia, em 3 de outubro de 1956: Juscelino promete construir a nova capital em três anos e dez meses



Anúncio de venda de lotes na futura capital federal, publicado em 1924, em São Paulo



Linha Gráfica Editora/Reprodução



Arquivo/CB/D.A. Press



LEIA NA EDIÇÃO DE 2 DE JULHO DE 2011 —

As primeiras barracas do Exército chegam para abrigar os cangangos. Operários de Araxá e do Rio de Janeiro vêm construir o Catetinho. Surge a primeira obra em alvenaria de Brasília, a Ermida Dom Bosco

Um passeio campestre na futura Brasília em outubro de 1956: Juscelino (de chapéu); ao fundo, de terno branco, o governador de Goiás, Juca Ludovico; o general Nelson de Mello; o médico e pecuarista goiano Altamiro de Moura Pacheco (de lenço branco na lapela). Os goianos apresentavam ao presidente o terreno da nova capital

